

EDITORIAL

A complexa quadra nacional e internacional em curso traz consigo problemas e desafios que alcançam desde os ataques à democracia patrocinados por autocratas e grupos de extrema direita, passando por reconfigurações no poder mundial e alcançando os processos e sistemas comunicacionais regidos pelas big techs. Teóricos como Evgeny Morozov e Shoshana Zuboff buscam compreender os nexos entre as formas de desenvolvimento do capital e os mecanismos e estratégias de ação das empresas abrigadas sob expressões anódinas que incluem provedores, sites, portais, facilitadores de contatos por redes sociais, aplicativos de mídia etc. Trata-se, basicamente, de um poder instrumentário, longo tecido de predação e comercialização de dados, voltado a finalidades mais ou menos declináveis, cujos nomes fantasia atendem por Google, Meta, Verizon, Microsoft, Amazon, Tencent. A uni-las, o pretexto da nobre missão de “conectar o mundo” e “facilitar a aproximação das pessoas”. Informações fraudulentas, fake news, venda de dados, predição de comportamentos, invasão de privacidade, interferência em eleições – para não avançarmos em listagem da qual as big techs participam direta ou indiretamente – surgem como efeito colateral de menor pecado; afinal, em si mesmo, o processo é fundeado em bases virtuosas. Reinam soberanas a pretenderem construir espécie de terra de ninguém, associando ao termo “regulação” o bicho de sete cabeças sufocador da liberdade, substantivo que vem perdendo o brilho, abandonando os seus sentidos, deixando de “alimentar o sonho humano” – aqui, em irônica apropriação do poema de Cecília Meirelles. Para lembrar assertiva que corre entre os gênios do Vale do Silício: as novas tecnologias estão três anos à frente das velhas, e os governos três anos atrás delas, ou seja, estes registram defasagem de nove anos quando comparados ao “reencantamento” do mundo proporcionado e gerenciado pelas big techs.

Ao longo das suas edições, a Comunicação & Educação participa ativamente dos debates como os acima assinalados, buscando fornecer subsídios para o melhor entendimento da comunicação em nosso tempo. E, nesta perspectiva, disponibiliza artigos, depoimentos e entrevistas de pesquisadores, docentes e profissionais que intentam pensar os reptos da comunicação, sobretudo naqueles diálogos com a educação e na cena em curso, na qual as tecnologias digitais passaram a jogar papel decisivo.

Nesse número temos acesso a materiais educacionais que abrem o debate para os temas da aceleração tecnológica, dos reptos da cidadania, dos percalços postos ao meio ambiente, da censura, do audiovisual e da aprendizagem, do exame do protagonismo juvenil em vínculos com as histórias em quadrinhos e as propostas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), assim como relatos de experiências envolvendo as incorporações da mídia na escola. O artigo internacional apresenta a singular figura de Simón Rodríguez, um filósofo educador, mestre de Simón Bolívar, nascido na Venezuela, mas feito cidadão latino-americano, e que nos inícios do século XIX já apresentava um

perfil de educador, instituindo escolas-oficinas e projetos educativos pelos vários países nos quais viveu: Colômbia, Bolívia, Peru, Chile, Equador. Entrevistamos Guillermo Orozco Gómez, pensador mexicano de importante presença no contexto dos estudos de comunicação e comunicação-educação na América Latina. No rol dos textos apresentam-se, ainda, a seção literária e as proposições para o trabalho em sala de aula com o material que vem à luz neste número.

Da reflexão sobre os escritos nesta Comunicação & Educação, os problemas suscitados no início do Editorial podem ser retomados e aprofundados a fim de buscar-se uma comunicação mais inclusiva, capaz de abrigar as tecnodiversidades, segundo lembra Yuk Hui, e, sobretudo, conectada à educação emancipatória – mecanismo que registra potência para colocar sob suspeição as estratégias de vigilância e controle postas em andamento pelas big techs e derivadas.

Boa leitura!

Adilson Citelli, Cláudia Nonato e Roseli Figaro.